

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

MICHELLE PATRÍCIA DA SILVA PONTES

FIGURAS DE RETÓRICA NOS SERMÕES DE ANTÔNIO VIEIRA

MACEIÓ-AL

2022

FIGURAS DE RETÓRICA NOS SERMÕES DE ANTÔNIO VIEIRA

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Letras (Português) da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Letras.

Orientador: Dr. Murilo Cavalcante Alves.

MACEIÓ-AL

2022

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária: Taciana Sousa dos Santos - CRB-4 - 2062

PS14f Pontes, Michelle Patrícia da Silva.

Figuras de retórica nos sermões de Antônio Vieira / Michelle Patrícia da Silva Pontes. – 2022.

35 f.

Orientador: Murilo Cavalcante Alves.

Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Letras – Português) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Maceió, 2022.

Bibliografia: f. 33-35.

1. Figuras de retórica. 2. Vieira, Antônio, 1608-1697. Sermões. 3. Paralelismo. I. Título.

CDU: 808

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, primeiro, por tudo que tem feito em minha vida e por conceder-me a graça e a força para alcançar os meus objetivos. Agradeço, também, a minha mãe, aos meus amigos, aos meus professores e ao meu orientador: professor Murilo Cavalcante Alves

RESUMO

Esta pesquisa propôs como tema o estudo da utilização das figuras de retórica em dois sermões de Antônio Vieira, quais sejam o Sermão da Sexagésima e o Sermão de Santo Antônio (aos Peixes). Utilizou-se como foco de estudo o recurso às figuras de retórica, tais como a metáfora e metonímia, como também a função do paralelismo, na argumentação sermonística do orador e na sua continuidade textual. Para tanto, foi realizado um levantamento bibliográfico tendo como aporte teórico vários autores que se debruçaram sobre essas figuras de forma específica, como Antônio Pedro Mesquita (2012), Fernando Guilherme de Oliveira Guimarães (2016), Gérard Genette (1972), Manuel Alexandre Junior (2012), Marcos Antônio Lopes (2008), Massaud Moisés (1987), Murilo Cavalcante Alves (2008) e (2015), Renato Rosário (2013) e Roland Barthes (1982).

Palavras-chave: Antônio Vieira. Retórica. Figuras. Orador. Paralelismo.

ABSTRACT:

This research proposed as a theme the use of rhetorical figures in Antônio Vieira's sermons. We focus on the use of rhetorical figures in the speaker's argumentation role and in textual continuity, such as metaphor and metonymy, as well as the function of parallelism. For this purpose, a bibliographic and infographic survey was carried out, having as theoretical support several authors who have focused on studying these figures specifically, as follows: Antônio Pedro Mesquita (2012), Fernando Guilherme de Oliveira Guimarães (2016), Gérard Genette (1972), Manuel Alexandre Junior (2012), Marcos Antônio Lopes (2008), Massaud Moisés (1987), Murilo Cavalcante Alves (2008) and (2015), Renato Rosário (2013) and Roland Barthes (1982).

Keywords: Antônio Vieira. Rhetoric. Figures. Speaker.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
I FIGURAS DE RETÓRICA E ARGUMENTAÇÃO	11
1.Figuras de Retórica.....	11
1.1Figuras Retóricas Argumentativas de Paralelismo.....	13
1.1.1Argumentação por Paralelismo Sintático.....	13
1.1.2Argumentação por Paralelismo Semântico.....	15
1.1.3Relação entre Paralelismo e Hiperonímia na Continuidade Textual.....	16
1.1.4Recursos Articuladores no Processo de Continuidade do Texto.....	16
1.2Metáfora e Metonímia.....	17
II AS FIGURAS DE RETÓRICA NA ARGUMENTAÇÃO VIEIRIANA	21
III O PARALELISMO, A METÁFORA E A METONÍMIA EM DOIS SERMÕES DE ANTÔNIO VIEIRA	25
3.1 Paralelismo, Metáfora e Metonímia no Sermão da Sexagésima.....	25
3.2 Paralelismo, Metáfora e Metonímia no Sermão de Santo Antônio (aos Peixes).....	28
CONCLUSÃO: AS FIGURAS DE RETÓRICA COMO ESTRATÉGIAS DA ARGUMENTAÇÃO VIEIRIANA	31
REFERÊNCIAS	33

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a utilização de algumas figuras de retórica nos sermões de Antônio Vieira (1608-1697), um dos pontos altos da argumentação em sua oratória. Assim, é necessário se perguntar: em que se fundamenta a argumentação vieiriana? Apresenta-se, para isso, a hipótese de que Vieira tece boa parte de sua argumentação com base nas figuras de retórica para persuadir e convencer os ouvintes.

A pesquisa utiliza uma abordagem metodológica qualitativa bibliográfica, que será desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Desse modo, será utilizado o método hipotético dedutivo com um aporte teórico referenciado por autores como Antônio Pedro Mesquita (2012), Fernando Guilherme de Oliveira Guimarães (2016), Gérard Genette (1972), Manuel Alexandre Junior (2012), Marcos Antônio Lopes (2008), Massaud Moisés (1987), Murilo Cavalcante Alves (2008) e (2015), Renato Rosário (2013) e Roland Barthes (1982).

Pesquisar tal assunto é de fundamental importância para os estudiosos da literatura luso-brasileira, e de extrema relevância para o entendimento do Barroco, pois, ao se estudar os sermões do missionário jesuíta, percebe-se a frequência em que se destacam as figuras de retórica, tais como a metáfora e a metonímia, bem como o paralelismo, como recursos de argumentação. Sendo assim, ao se analisar os dois sermões de Antônio Vieira, pretende-se contribuir não apenas com os estudos de literatura e o desenvolvimento de trabalhos relacionados ao Barroco, mas também assinalar sua relevância para os estudos linguísticos, considerando-se os aspectos do discurso vieiriano.

Estudar a obra de Vieira possibilita não apenas adentrar no pensamento de quem dedicou sua vida a lutar pelos princípios ético-cristãos, usando a Retórica como técnica de persuasão, mas também clarificar alguns aspectos importantes do próprio cristianismo católico em seu processo de recatequização e enfrentamento da Reforma Protestante na ação da Contrarreforma. Por isso, sua obra tem um valor histórico incomensurável, haja vista que Vieira foi um dos missionários enviados ao Brasil para a catequização dos indígenas e, desde cedo, se destacou nas artes literárias, sendo também possuidor de um amplo conhecimento do latim,

além de dominar como nenhum outro a arte da diplomacia.

Detentor de uma retórica argumentativa consistente, e de um estilo que se aproxima do literário, Antônio Vieira teve sua obra inserida na literatura luso-brasileira do período barroco. Se bem que alguns autores, a exemplo de Antonio Candido, não considerem o barroco essencialmente como literatura brasileira, por conta da ausência de um sistema literário, e tão somente manifestações literárias no Brasil; de outro modo, Vieira, na visão discordante do crítico e historiador literário Afrânio Coutinho, já se constitui em autêntica literatura brasileira e, apesar de ser português, devido ao longo período que dedicou a pregar e escrever no país, pode ser chamado de escritor luso-brasileiro. Nesse aspecto, sua obra é de fundamental relevância não só para os portugueses, como também para os brasileiros.

A obra vieiriana é considerada como parte da literatura barroca ao lado da de Gregório de Matos (1636-1696). Antônio Vieira, além de um missionário dedicado às causas sociais, também tem em seus sermões um zelo pela perfeição, sendo referencial de gramática da língua portuguesa não só no período colonial, mas também como fonte de inspiração na atualidade.

No primeiro capítulo, *Figuras de Retórica e Argumentação*, será feita uma abordagem sobre estas figuras, explicando o que são figuras de retórica, bem como as figuras retóricas argumentativas de paralelismo, argumentação por paralelismo sintático, argumentação por paralelismo semântico, a relação entre paralelismo e hiperonímia na continuidade textual, recursos articuladores no processo de continuidade do texto, e metáfora e metonímia.

No segundo capítulo, *As Figuras de Retórica na Argumentação Vieiriana*, será apresentada a Retórica Antiga como um sistema de figuras. Enfim, no terceiro capítulo, *O Paralelismo, a Metáfora e a Metonímia em dois Sermões de Antônio Vieira*, objetivo principal da pesquisa, tecer-se-á comentários sobre como estas figuras de retórica foram utilizadas no Sermão da Sexagésima e no Sermão de Santo Antônio (aos Peixes).

I FIGURAS DE RETÓRICA E ARGUMENTAÇÃO

1 Figuras de Retórica

No que diz respeito às figuras de retórica, elas sempre estiveram presentes na tradição da Retórica Antiga, sendo entendidas como um modo de falar distante do natural. Ou seja, os retores inovavam no modo de falar para se distinguir da linguagem da plebe, mantendo um distanciamento dos povos simples. Como assinala Genette, "a figura é um desvio em relação ao uso, no entanto, esse desvio está em uso: nisso está o paradoxo da Retórica" (1972, p. 201).

A Retórica é, portanto, entendida como o recurso que o orador utiliza para atingir o alvo ou, antes, para conseguir persuadir o ouvinte através de uma linguagem exata, tendo como meio a razão, mas de forma diferente da convencional. Assim, as figuras diferenciam o discurso do orador do dizer simples.

Nesse sentido, as figuras consistem em um desvio, mas também em ressignificar coisas através de construções gramaticais. Assim,

as figuras têm, primeiramente, uma propriedade geral que convém a todas as frases e todos os conjuntos de palavras e que consistem em significar alguma coisa por determinado tipo de construção gramatical; além disso, as expressões figuradas têm ainda uma modificação particular que lhes é própria, e é por causa dessa modificação particular que classificamos as figuras em tipos diferentes (DUMARSAIS, 1970 *apud* GENETTE, 1972, p. 201).

Em razão do desvio, as figuras possuem maneiras de falar distintas de outras formas, sendo que cada espécie pode sofrer uma modificação particular. Daí as figuras serem classificadas como de tipos diferentes, sendo "reduzidas cada uma a uma espécie à parte, e que tornam ou mais vivas ou mais nobres, ou mais agradáveis as maneiras de falar que exprimem o mesmo pensamento básico sem apresentar modificação especial"(DUMARSAIS, 1970, *apud* GENETTE, 1972, p. 201).

Isso quer dizer, segundo a autora, que o efeito das figuras (vivacidade, nobreza, beleza) é fácil de qualificar, mas seu ser só pode ser designado pelo fato de que cada figura é uma figura à parte e que as figuras em geral distinguem-se das expressões não-figuradas pelo fato de apresentarem uma modificação especial, que se chama figura.

Para Genette (1972), o processo retórico começa em uma palavra ou frase quando a substituição mantém o equivalente. Ou seja, o fato retórico acontece no âmbito da troca de uma coisa por outra, mas que preserva a referência.

No contexto da Retórica, a figura traz à tona a presença daquilo que está ausente. De maneira que, quando se faz uso de uma figura, troca-se uma coisa presente por outra ausente. Daí, a "figura traz ausência e presença" (BALLY, 1963 *apud* GENETTE, 1972, p. 202). Segundo ainda Genette (1972), a Retórica está envolvida por figuras em que o orador utiliza de outros meios para tecer seus discursos e argumentos. A Retórica é assim a arte de tecer o discurso com as figuras, assim como a arte do ourives, na qual ele utiliza de muitos fios de ouro, prata ou cobre, ou qual o tipo de metal serve para compor um desenho.

Ainda segundo esse autor, a Retórica ainda pode se comparar a um palimpsesto, ou seja, a um papiro reutilizado após ter seu escrito original eliminado, sendo lavado com água ou raspado para reutilização (GENETTE, 1972, p. 203). Por essa razão, "a retórica está ligada a duplicidade da linguagem". A retórica das figuras designa UM nome que expande o seu significado. Por exemplo, quando usada a palavra vela, a retórica sabe o que designa nau, como também sabe designar diferente ou outra coisa quando usa a palavra nau (GENETTE, 1972, p. 206). Dessa forma, "existe na retórica um ímpeto de dar nomes que constitui uma forma de expandir-se e de justificar-se multiplicando os objetivos do seu estudo". De acordo com Fiorin (2020, p.138), há uma repetição denominada *paralelismo* em que se retoma uma estrutura oracional, preenchida, no entanto, a cada vez, com vocábulos diferentes.

No que se refere à metáfora e a metonímia, são figuras consideradas procedimentos discursivos que se apresentam como um conjunto de recorrências semânticas que se disseminam por todo texto. (FIORIN, 2020)

Na tradição da Retórica Antiga, privilegiavam-se três tipos de argumentos que todo cidadão grego deveria conhecer para aplicar em seus discursos ao entrar em causa jurídica ou política. Segundo Aristóteles, a força argumentativa retórica está fundamentada no *logos*, ou seja, na razão pela qual todo cidadão deveria se embasar. Ainda segundo o filósofo, o orador que pretende discursar eloquentemente a fim de convencer o público de sua causa, precisa se utilizar do *pathos*, pela emoção trazer a plateia a seu favor.

Por fim, Aristóteles fundamenta o terceiro pilar da argumentação da

Retórica, dizendo que o orador precisa se utilizar também do *ethos*, significando que ele também tem a seu favor o caráter moral não só dele mesmo, mas também dos ouvintes. Pois, em seus pleitos jurídicos ou políticos, o orador poderia usar sua conduta moral, bem com a ética moral dos ouvintes, trazendo-os para seu lado, após serem persuadidos pelo *ethos* do orador. Assim, "Aristóteles, na sua *Ars Rhetorica*, elenca três tipos de argumentos ou instrumentos de persuasão de que se deve valer o orador para tornar seu discurso eficaz: o *lógos*, o *páthos* e o *éthos*" (ROSÁRIO, 2013,p. 60). Dessa forma, o primeiro pilar da argumentação da retórica é de ordem racional, o segundo, de ordem emotiva e o terceiro, de ordem ética.

É pertinente afirmar que, sendo um dos recursos retóricos, a repetição tem papel relevante. Por se apresentar no tecido linguístico como recurso coesivo de grande relevância, desse modo ela permite o desenvolvimento do texto. Mas também, seu jogo de repetições de formas ou estruturas é de ampla expressividade convincente, pois promove clareza e ênfase aos argumentos propostos (ANTUNES, 2005).

1.1 FIGURAS RETÓRICAS ARGUMENTATIVAS DE PARALELISMO

O paralelismo é o recurso coesivo que irá cooperar com a transmissão de sentidos no texto, estabelecendo retomadas significativas por meio de suas construções, quer sejam elas sintáticas ou semânticas, haja vista que o paralelismo poderá ser apresentado no texto como paralelismo sintático ou paralelismo semântico, e ambos são recursos retóricos muito apreciados.

1.1.1 ARGUMENTAÇÃO POR PARALELISMO SINTÁTICO

O paralelismo sintático, ou paralelismo gramatical, é uma sequência de expressões harmoniosas na organização das ideias em uma frase. Trata-se de uma sequência de estruturas sintáticas, como termos e orações que possuem igual valor sintático, que atribuem clareza e sentido ao enunciado. Dessa forma, quando se fala de paralelismo sintático, fala-se de um recurso de retórica textual importantíssimo, que confere encadeamento à estrutura sintática de uma frase. Em outras palavras, o paralelismo sintático é responsável pela coesão sintática do texto.

Por essa razão, a falta de paralelismo sintático na produção textual pode causar muitas dificuldades na hora de correlacionar os elementos textuais. Portanto, se a estrutura sintática do texto apresentar elementos de valores diferentes correlacionados na mesma estrutura sintática de uma frase, o sentido sintático conferido aos elementos estará gramaticalmente desordenado e por isso poderá ser mal compreendido.

A exemplo, é relevante observar alguns exemplos de paralelismo sintático retirados na estrutura das frases do Sermão Sexagésima, de Antônio Vieira.

- a) “E se quisesse Deus que este tão illustre tão numeroso auditório saísse hoje tão desenganado da pregação, *como* vem enganado com o pregador!”
- b) “Não só faz menção do semear, mas também faz caso do sair:”
- c) “porque no dia da messe hão-nos de medira sementeira e hão-nos de contar os passos.”
- d) “Entre os semeadores do Evangelho há uns que saem a semear, há outros que semeiam sem sair.”
- e) “só pela seara o digo, só pela seara o sinto.”
- f) “Assim o fez o semeador do nosso Evangelho. Não o desanimou nem a primeira nem a segunda nem a terceira perda;”
- g) “Oh que grandes esperanças me dá esta sementeira! Oh que grande exemplo me dá este semeador!”
- P) “aquelas poucas que se pegam ao tronco e se convertem em fruto, só essas são as venturosas, só essas são as que aproveitam, só essas são as que sustentam o mundo”.

Como visto, o paralelismo sintático é a sequência de estruturas semelhantes, que possuem igual valor sintático, e que representa um indicador textual indispensável, pois através dele se obtém clareza e sentido nas ideias do enunciado. O recurso retórico, através de paralelismo, confere sentido de coerência, ora reiterando, ora reafirmando o enunciado. Quanto a isso, vale a exposição de exemplos de estruturas de paralelismos sintáticos mais utilizados:

- a) Por um lado... por outro;
- b) Não... nem;

- c) Tanto... quanto;
- d) Primeiro... segundo;
- e) Seja... seja;
- f) Quer... quer;
- g) Ora... ora;
- h) Ou... ou;
- i) Quanto mais... mais;
- j) Quanto menos... menos;
- k) Não só... mas também;
- l) Isto é...;
- m) Ou seja...;
- n) Que... que;
- p) Pelo... pelo;

1.1.2 ARGUMENTAÇÃO POR PARALELISMO SEMÂNTICO

O paralelismo semântico é uma estrutura constituída de elementos similares e harmônicos. Dessa forma, no paralelismo semântico tem-se a organização elementar das partes semanticamente ligadas em harmonia, dando coesão e sentido ao enunciado.

Nesse caso, a retórica através do paralelismo semântico trata de uma estrutura lexical de palavras na mesma ordem ou no mesmo campo gramatical, isto é, pode ser uma sequência de verbos no mesmo tempo verbal, ou uma sequência de adjetivos, mas também pode ser qualquer classe de palavras em uma determinada ordem na estrutura de uma frase; a exemplo, é possível elencar algumas frases retiradas do sermão de Vieira:

- a) “Diz Cristo que «saiu o pregador evangélico a semear» a palavra divina.”
- b) “Para quem lavra com Deus até o sair é semear, porque também das passadas colhe fruto.”
- c) “Entre os semeadores do Evangelho há uns que saem a semear, há outros que semeiam sem sair”.
- d) “Mas daqui vejo que notais (e me notais) que diz Cristo que o semeador do Evangelho saiu, porém não diz que tornou porque os pregadores evangélicos, os homens que professam pregar e: propagar a Fé, é bem que saiam, mas não é bem

que tornem.”

e) “Tudo o que aqui padeceu o trigo, padeceram lá os semeadores.”

f) “Houve missionários afogados, porque uns se afogaram na boca do grande rio das Amazonas; houve missionários comidos, porque a outros comeram os bárbaros na ilha dos Aroãs; houve missionários mirrados, porque tais tornaram os da jornada dos Tocantins, mirrados da fome e da doença, onde tal houve, que andando vinte e dois dias *perdido* nas brenhas matou somente a sede com o orvalho que lambia das folhas”.

1.1.3 RELAÇÃO ENTRE PARALELISMO E HIPERONÍMIA NA CONTINUIDADE TEXTUAL

O paralelismo, assim como a hiperonímia, é um recurso coesivo que serve para promover relações textuais de reiteração, de modo que o paralelismo é uma reiteração por repetição, e o hiperônimo reitera por substituição. Sendo assim, são de grande relevância para a continuidade textual, pois ligam por meio da repetição e da substituição dos termos já utilizados na oração, provocando a fluidez do texto.

De acordo com Antunes (2005, p. 102), o hiperônimo é “a relação que se pode estabelecer entre um nome mais específico ou subordinado (*gato*) e um outro mais geral ou superordenado (*animal*)”.

1.1.4 RECURSOS ARTICULADORES NO PROCESSO DE CONTINUIDADE DO TEXTO

Os recursos articuladores desencadeiam efeito coesivo e possibilitam a articulação entre partes diferentes do tecido textual. E isso sinaliza para a percepção com que o termo é citado em determinada situação e contexto.

Logo abaixo, são apresentados dois quadros com os recursos do procedimento da repetição e da substituição, de acordo com Antunes (2005):

Relações textuais	Procedimento	Recursos
Reiteração	Repetição	Paráfrase Paralelismo Repetição propriamente dita (ou literal).

Relações textuais	Procedimento	Recursos
Reiteração	Substituição	Substituição gramatical Substituição lexical: por sinônimos, hiperônimos, caracterizadores situacionais. Retomada por elipse

1.2 METÁFORA E METONÍMIA

A metáfora é uma figura retórica frequentemente utilizada não só pelos grandes oradores em discursos, mas também pelas pessoas simples na língua popular do cotidiano, o que não significa que se trata de uma figura de baixa complexidade, antes, pelo contrário, é extremamente complexa. Ressalta-se aqui que o uso frequente da metáfora é o que a torna simples, mas "o simples não é necessariamente comum" (GENETTE, 1972, p. 202).

Aristóteles foi quem primeiro pensou no assunto, definindo o conceito de metáfora que se conhece hoje. Segundo Moisés (1972), para o filósofo helênico, "a metáfora consiste em transportar uma coisa pelo nome de outra, ou do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, ou da espécie de uma para a espécie de outra, ou por analogia" (ARISTÓTELES, s/d apud MOISÉS, 1972, p. 197).

Em Aristóteles, esse assunto foi abordado primeiramente no campo da Gramática e da Dialética, pois o cidadão deveria ter domínio sobre os aspectos argumentativos da linguagem para rebater os adversários. Na Idade Média, o assunto não apresenta muitas especulações, reflete apenas o estado geral das coisas que dizem respeito à literatura. Segundo Moisés (1972), a partir de 1762, a metáfora volta aos assuntos de debates com a publicação de *Elements of Criticism*, do iluminista escocês Lord Gages. Nos séculos XVIII e XIX surgem vários estudiosos que se debruçaram sobre a questão, como em 1971 com o filósofo francês Jacques Derrida e, em 1994, com Umberto Eco.

Apesar das inúmeras teorias sobre a metáfora, a proposta que prevalece ainda é a aristotélica, porém a discussão saiu do domínio da Gramática para assumir novas características nos campos da "[...] Semântica, graças a Michel Bréal e seu *Essai de Sémantique* (1908), pela Linguística e, mais recentemente, pela Semiótica" (MOISÉS, 1972, p. 198). Ainda segundo Moisés (1972), uma dessas novas propostas teóricas que se destaca é a teoria de I. A. Richards (1965), que descreve a construção da metáfora a partir da junção das ideias do tenor e do *vehicle*.

A primeira ideia corresponde o *designatum*, termo usado por Morris (1938), em *Foundations of the Theory of signs*, que "equivaleria 'ideia original' e 'ideia tomada por empréstimo', 'aquilo que está sendo dito ou pensado' e 'aquilo que está sendo comparado', 'ideia subjacente' e 'qualidade imaginada', 'significado e metáfora', 'ideia' e 'sua imagem'" (MOISÉS, 1972, p. 198-199). Para Paul Henle (1966), a metáfora se constitui a partir do sentido literal e do sentido figurado, sendo que "os dois sentidos pertencem não somente a cada termo isolado como também ao binômio que formam" (MOISÉS, 1972, p. 199).

Semelhantemente, o teórico Philip Wheelwright (1968) apresenta dois termos para o vocábulo metáfora: epífora e diáfora. Para Wheelwright (1968), o primeiro termo chamado de epífora assinala "a transferência e extensão de sentido através da comparação" (WHEELWRIGHT, 1968, p. 72 apud MOISÉS, 1972, p. 199). Enquanto o segundo termo, chamado de diáfora, assinala "a criação de um significado por justaposição e síntese" (WHEELWRIGHT, 1968, p. 72 apud MOISÉS, 1972, p. 199). De modo que, para este teórico, o vocábulo metáfora manifesta dois movimentos semânticos, um movimento que decorre da epífora,

constituindo uma "base literal de operações" (WHEELWRIGHT, 1968, p. 72 apud MOISÉS, 1972, p. 199), e outro que decorre da diáfora, conferindo "novos significados e qualidades em consequência do agrupamento original dos vocábulos ou frases" (MOISÉS, 1972, p. 199).

Os teóricos apresentam inúmeros termos para os mecanismos de aproximação da metáfora, tendo como ponto convergente apenas uma operação que compõe a metáfora, ou seja, todos "simbolizam uma única operação da mente, ou a redução à unidade dos vários processos subentendidos na composição da metáfora" (MOISÉS, 1972, p. 199- 100).

Para além da discussão acerca dos mecanismos que compõem essa figura de retórica, Ernst Cassirer (1946), em *Language and Myth*, chama a atenção para

a existência de duas metáforas, de acordo com determinados esquemas intelectuais: em restrito, a metáfora corresponderia à *translação* de Quintiliano, quer dizer, no encontro entre 'significados fixos e independentes' processa-se um 'contágio conceptual, que motiva a transição de um para o outro, por meio da qual os dois termos se aproximam semanticamente'; por outro lado, 'a genuína 'metáfora radical', que condiciona a formulação das concepções tanto míticas quanto verbais', constitui 'não só a transição de uma para outra categoria, mas também a criação de uma categoria própria', sob o signo de uma 'genuína e direta identificação' (MOISÉS, 1972, p. 200).

A partir dos estudos de Linguística cognitiva, a metáfora expande seus limites, ultrapassando as linhas do literário, passando a assumir uma função fundamental no sistema conceptual. Os teóricos George Lakoff e Mark Johnson (2002), em *Metáforas da Vida Cotidiana*, apresentam "a existência de três tipos de metáforas: as orientacionais, as ontológicas e as estruturais" (p. 549). Para Lakoff (2002), os seres humanos não só conceptualizam, mas também categorizam o mundo através de suas experiências corporais, como também por meios de estímulos naturais, sociais e culturais.

Sendo assim, nossa mente projeta pensamentos metafóricos através dos quais mapeamos domínios conceptuais diferentes, transferindo elementos do domínio concreto (domínio fonte) para outro abstrato (domínio alvo), facilitando assim a compreensão de experiências novas integradas às anteriores. Logo, a metáfora torna-se um recurso de nosso pensamento que parte de nossas experiências corporais e de nosso cotidiano (LAKOFF, JOHNSON

s/d, p. 551).

As *metáforas estruturais* acontecem quando um conceito se estrutura por meio de outro; por exemplo, o amor é uma guerra. Nesse exemplo se nota como o conceito de amor (domínio alvo) passa para o de guerra, em que amar se caracteriza como uma guerra. Já as *metáforas orientacionais* ocorrem de maneira que se vinculam às orientações espaciais, isto é, para baixo, para cima, para frente e para trás, por exemplo, ontem fulano estava para baixo, hoje fulano está para cima. Nota-se nesses exemplos que para baixo é tristeza, e para cima é felicidade. As *metáforas ontológicas* "são necessárias para tentar lidar racionalmente com nossas experiências como em: mente é máquina e inflação é uma entidade" (LAKOFF, JOHNSON, s/d, p. 552).

De acordo com Silva (2011), Jakobson (2007) define a metáfora e a metonímia como dois tipos de processos discursivos que interagem entre si, e, dependendo do *topos*, pode conduzir ou a uma ou a outra. Dessa forma, a "metáfora e metonímia não são conceitualmente independentes entre si, mas sim mecanismos que interagem com certa frequência, elas por vezes se interpenetram e se integram" (SILVA, 2011, p. 69).

A metonímia está relacionada ao sentido das palavras através da relação de contiguidade que ela exerce. É possível trocar uma palavra por outra, mantendo o sentido entre elas. Essa figura pertence a categoria de figuras ligadas a classe de palavras, por afinidade metonímica em uma frase há a possibilidade de trocar a causa pela consequência, por exemplo, fulano conseguiu construir a casa com muito suor. Desse modo, o vocábulo suor substitui trabalho, mas mantém o mesmo conceito ou ideia, também é possível substituir o autor pela obra ou a obra pelo autor, como na expressão fulano estava ouvindo Caetano Veloso, fulano comprou uma caixa de giletes. Assim, foi trocada a música (obra) por Caetano Veloso (cantor), houve a troca do produto (lâminas) pela marca (gilete).

II AS FIGURAS DE RETÓRICA NA ARGUMENTAÇÃO VIEIRIANA

Em virtude de ter produzido Sermões com uma oratória tão forte e relevante, capaz de agir internamente nos indivíduos, Antônio Vieira conquistou muitos apreciadores de suas obras.

Nas palavras de Silva (2009, p. 9) “por todo texto do Sermão de Sto. Antônio, percorre uma linguagem precisa e impactante devido ao jogo de estruturas lingüísticas, característica de um Vieira que tem como objetivo incessante, sensibilizar” “as almas” através da palavra.

É perceptível que a desenvoltura argumentativa que Vieira apresentou em seus Sermões é muito marcante e é irrefutável seu domínio ao empregar as figuras de retórica e atrair a atenção dos ouvintes e dos leitores.

Refletindo sobre este e outros aspectos da retórica vieiriana, Alves (2015), ao abordar sobre as metáforas argumentativas no Sermão das Lágrimas de São Pedro faz menção que: “As metáforas vieiriana, como afirmei, se direcionam principalmente para propósitos argumentativos, e o orador pode se valer tanto de metáforas lingüísticas como literárias, daí a razão de sua eficácia como recurso retórico”.

Melo (2005) considera que “o Sermão da Sexagésima é uma exposição doutrinária e exemplo modelar de pregação. Revela simplicidade e elegância. Além de fazer uso de uma multiplicidade de imagens sensoriais e ornamentais”.

A retórica é um sistema de comunicação, que consiste em figuras, tendo como finalidade o dizer verdadeiro, ou seja, o dizer exato na comunicação entre falantes. Ou seja, a retórica como arte está sempre variando seu dizer, utilizando o velho como sendo novo através de suas combinações e variações. Assim, "a retórica [...] é a arte de variar o banal recorrendo às substituições e aos deslocamentos de sentido" (BARTHES, 1982, p. 22). Para Genette (1972), a retórica utiliza figuras que até podem ser comuns, porém não são simples. "O simples não é necessariamente comum, e reciprocamente; a figura pode ser comum, mas não pode ser simples" (GENETTE, 1972, p. 202).

Nesse sentido, para cada público específico há uma forma de linguagem específica, de modo que esse sistema retórico compreende cinco partes: invenção, disposição, elocução, memória e ação.

Dividida em cinco partes, a Retórica Antiga apresenta na Introdução (*Inventio*) a fonte de onde se retira todos os argumentos e as provas que serão usadas para persuadir o ouvinte.

Inventio – ‘achar o que dizer’ (BARTHES, 1975, p. 182), ou ainda, ‘o estoque de material, de onde se tiram os argumentos, as provas e outros meios de persuasão relativos ao tema do discurso’ (MOSCA, 2001, p. 28). Segundo Barthes (1975, p. 183), nada é inventado, mas encontrado na *Topica*, ou seja, extraído do material que temos à disposição para a elaboração dos discursos. A *Topica*, por sua vez, encerra em si os *lugares-comuns* e os *lugares-especiais*. Partir de premissas de um ou de outro lugar depende ‘do interlocutor, da natureza do discurso, e dos tipos de argumentos que ele exige’ (MARIANO, 2009, p. 114).

A Narração (*Dispositio*) apresenta por ordem os fatos para a plateia de maneira organizada já como argumento bem elaborado, sua estrutura por si só contará a favor do orador (MARIANO, 2009):

Dispositio – pôr em ordem o que se encontrou [Barthes, 1975, p. 182]. É a parte que melhor representa a dimensão sintagmática da retórica. A partir das escolhas feitas no plano do conteúdo – a *inventio* -, é necessário organizar internamente o discurso, de acordo com as partes da *oratio* [Mosca]. O discurso bem organizado estruturalmente já é um argumento a favor do orador (MARIANO, 2009, p. 114).

Na Argumentação (*Elocutio*), o orador escolhe palavras a serem empregadas como um adorno em seu discurso, que serve não apenas como modo de atrair o público, mas também de forma lógica se adequa ao tipo de plateia, ou seja, fala a linguagem daquele público:

Elocutio – ‘acrescentar o ornamento das palavras, das figuras’ (BARTHES, id) trata-se do trabalho no plano da expressão a fim de adequar o discurso ao auditório; representa a dimensão paradigmática da retórica antiga. Segundo Mosca (2001, p. 29). Aqui se encaixam as virtudes que caracterizam: o ‘bem dizer: correção, clareza, concisão, adequação, elegância’. Embora ainda pareça depender exclusivamente do orador, as escolhas no plano da expressão - na *elocutio* – revelam que a retórica prega a linguagem dialógica, sempre dirigida a alguém a quem se deve

adequá-la. O discurso, assim, não é uma construção monológica, mas é construído pelo eu e pelo outro (MARIANO, 2009, 114).

Na Refutação (*Actio*), o orador utiliza o discurso como um ato no qual ele faz uso da entonação vocal e da emoção de acordo com o que se pretende transmitir ao público, ciente do poder do *Actio* de seu discurso persuasivo o discursante apela não só para a lógica, mas principalmente para a emoção do ouvinte (MARIANO 2009):

Actio – ‘tratar o discurso como um ator: gestos e dicção’ [Barthes]. A *elocutio* e, num grau ainda maior, a *actio*, parecem mais ligadas à enunciação, isto é, ao contexto de produção do enunciado. De um lado, a *elocutio* ocupa-se dos elementos segmentais da enunciação, envolvendo todo tipo de escolha linguística e discursiva no plano da expressão, por outro, a *actio* responsabiliza-se pelos aspectos suprasegmentais. Desta forma, ambas entram também no terreno da emoção, na medida em que levam em conta a adequação ao auditório. No discurso escrito, porém, a *actio* é de difícil observação, embora possa se pensar em diferentes meios para analisá-la, mesmo nos textos escritos [a letra? o tamanho da fonte nos textos impressos? as cores utilizadas nos textos sincréticos? a disposição do texto na folha?]. A parte descritivo-narrativa da *dispositio* levam também à *actio* (MARIANO, 2009, p. 114).

É no contexto barroco marcado pelo Teocentrismo e pelo Antropocentrismo, ou seja, no conflito entre o sagrado e o profano ou entre o céu e o inferno, na antinomia entre Deus e o diabo, que Antônio Vieira se destaca, por usar os recursos retóricos e por dominar com excelência a argumentação em sua oratória. Com maestria, utilizava a retórica para explicar os seus sermões nas missas, dando clareza ao seu discurso e persuadindo o público. Dessa forma, gozou de grande prestígio social e foi não só uma das maiores influências eclesiásticas da Igreja católica, mas também se projetou como expressão política de sua época. E, se estava muito ligado a Deus pela fé, por sua vez, contraditoriamente, estava também ligado à razão por meio dos filósofos, sobretudo Sêneca, autor que, segundo Afrânio Coutinho, influenciou sobremaneira o jesuíta luso-brasileiro.

De maneira muito espontânea e pertinente, Vieira expressa seus Sermões utilizando as figuras de retórica penetrando o âmago do público. Ao fazermos leituras de suas obras nos deparamos com relações contextuais tão importantes para atingir o seu propósito. Para Marcuschi (2008, p. 87), falando de textualidade e interpretação de texto, esclarece:

Assim chegamos às relações ditas contextuais. Essas relações se estabelecem entre o texto e sua situacionalidade ou inserção cultural, social, histórica e cognitiva (o que envolve os conhecimentos individuais e coletivos). Não se pode produzir nem entender um texto considerando apenas a linguagem. O nicho significativo do texto (e da própria língua) é a cultura, a história e a sociedade. Essa inserção pode dar-se de diversas formas e por isso um texto pode ter várias interpretações, embora não inúmeras nem infinitas. Mas mesmo essas várias interpretações devem ser coerentes entre si e com isso não podem ser incompatíveis.

Nesse sentido, com enfoque nas várias interpretações que podem ser dadas ao texto, salienta-se que, dentre os interlocutores de Vieira, também estavam inseridos outros que assumiam a mesma categoria que ele, ou seja, de orador e sua capacidade retórica por meio das figuras também conseguiam penetrar no âmago dessas pessoas.

Nas palavras de Carlôto (2020), “Vieira usa a hipérbole como forma de chamar a atenção dos que o ouviam. É bem possível que muitos que o ouviam também fossem pregadores, e nesse momento ele tenta intensificar a sua indignação por meio dessa figura de linguagem”.

III O PARALELISMO, A METÁFORA E A METONÍMIA EM DOIS SERMÕES DE ANTONIO VIEIRA

3.1. Paralelismo, Metáfora e Metonímia no Sermão da Sexagésima: o orador é aquilo que expressa.

Os sermões de Antônio Vieira, aos quais se tem acesso hoje, foram pensados para serem oralizados, porém em sua velhice foram registrados por ele mesmo por medo de que transcritos após sua morte, resultassem em eventuais erros. Nesse sentido, para evitar uma obra póstuma com possível incoerência, "Vieira só no final de sua vida, isto é, em idade provecta, sentiu necessidade de editar seus próprios sermões, tendo em vista a circulação destes de forma incorreta sob a forma de apógrafos" (ALVES, 2008, p. 9).

No tocante à retórica de Antônio Vieira, é a *actio* (ação) que se destaca em seus sermões evangélicos. Com relação à Retórica Antiga, as matérias da memória e da ação não eram as partes mais focadas. "Ressalte-se que na antiga teoria retórica as partes da memória e da *actio* ocupam pouco espaço – é importante sublinhar isso, porque justamente a *actio* é o ponto fundamental da retórica vieiriana" (ALVES, 2008, p. 17). Assim, a retórica vieiriana consiste na argumentação por meio da razão ou da emoção.

O sermão da *Sexagésima* é formado por dez pequenos capítulos e foi pregado na Capela Real, no ano de 1655. Nesse sermão, deve-se levar em consideração o fato de ser um padre que faz uso da linguagem bíblica, ao utilizar metáforas para fazer interpretações pessoais e articular questões, exceções e outros textos. Nesse sentido, Vieira costumava estruturar os seus sermões da seguinte maneira: na primeira parte consta o *exórdio* ou *introdução*, na qual o orador realiza a exposição do assunto levando o ouvinte a raciocinar, possibilitando respaldos com dados lógicos, ou seja, o *logos*. Desse modo, no que tange ao sermão da *Sexagésima*, ele inicia com a parábola do semeador, fazendo uma explanação em sentido genérico, utilizando alguns verbos no infinitivo, a saber: semear, sair, medir, contar, como se pode observar no trecho que se segue:

[...] diz Cristo que 'saiu o pregador evangélico a semear' a palavra divina. Bem parece este texto dos livros de Deus. Não só faz menção do semear, mas também faz caso do sair: Exiit, porque no dia da messe hão-nos de medir a semeadura e hão- nos de contar

os passos. O Mundo, aos que lavrais com ele, nem vos satisfaz o que dispendeis, nem vos paga o que andais. (VIEIRA, 1965, p. 85, l).

Na segunda parte do sermão da Sexagésima consta a *demonstração* ou *argumentação*, que pode ser chamada também de desenvolvimento, pois o orador responde à questão proposta para convencer o ouvinte. No presente sermão, Vieira faz uma indagação sobre de quem é a culpa de não haver mudança na vida dos ouvintes. Levando em consideração que o “Fazer pouco fruto a palavra de Deus no Mundo, pode proceder de um de três princípios: ou da parte do pregador, ou da parte do ouvinte, ou da parte de Deus” (VIEIRA, 1965, p.89, III).

Para tanto, na perspectiva de trazer ao ouvinte a resposta dessa indagação, Vieira utiliza exemplos, faz analogias, argumenta e contra-argumenta. Esse será o momento em que a retórica vieiriana aparece e atinge suas perspectivas, é relevante mencionar que a retórica é segundo Aristóteles: “a arte de persuadir pelo discurso”. (REBOUL, 1998, XIV).

Na terceira e última parte da estrutura do sermão da Sexagésima é realizada a *peroração* ou *conclusão*, em que os argumentos finais tendem a despertar no auditório os sentimentos, isto é, o *pathos*, mexer com as emoções, por parte do que foi pregado pelo orador.

A essência da argumentação consiste em tornar toda proposição ou causa aceitável com a utilização de argumentos direcionados à razão ou à emoção dos ouvintes. Para isso existe uma série de argumentos que se aplicam aos mais diversos casos. São temas ideológicos apropriados à descrição, a desenvolvimentos e a variações, chamados em latim *loci argumentorum*. O termo hoje é pouco utilizado, por conta de se prestar a clichês e a interpretações reducionistas. Por isso utiliza-se mais o termo grego *topos* para substituí-lo. Deste termo surgiu, então, a teoria dos *topoi*, a tópica (ALVES, 2008, p.17).

Na utilização das analogias, que é mais um recurso retórico vieiriano muito presente no sermão apreciado, há uma predominância da corrente barroca conceptista, apesar de o pregador jogar com algumas palavras da estética cultista; Vieira faz sua abordagem com destaque para o conceptismo por ter uma preocupação com o pensamento claro e lógico, pois, para ele, pregar não é apenas recitar, sendo assim, o discurso deve ser diferenciado, preciso de maneira que todos possam entender. “O estilo pode ser muito claro e muito alto; tão claro que o

entendam os que não sabem e tão alto que tenham muito que entender os que sabem” (VIEIRA, 1965).

Assim, as analogias, bem como o paralelismo, contribuem para possibilitar a clareza da pregação e reiterar os argumentos já mencionados, conduzindo o ouvinte para perceber o *ethos*, ou seja, o caráter do orador, visto que a resposta para a pergunta levantada durante a exposição do sermão coloca a culpa no orador, uma vez que, para Vieira pregar não é apenas recitar “O que sai só da boca pára nos ouvidos; o que nasce do juízo penetra e convence o entendimento”. (VIEIRA, 1965, p. 102, VII).

Entende-se que com esses argumentos o pregador deve possuir uma moral ilibada para pregar a palavra de Deus, pois é respaldado pela ética (*ethos*) e com isso cumpre o propósito de gerar frutos que é o de convencer o ouvinte acerca de sua pregação pelo seu exemplo de vida. Nas palavras de Vieira:

para quem lavra com Deus até o sair é semear, porque também das passadas colhe fruto. Entre os semeadores do Evangelho há uns que saem a semear, há outros que semeiam sem sair. Os que saem a semear são os que vão pregar à Índia, à China, ao Japão; os que semeiam sem sair, são os que se contentam com pregar na Pátria. Todos terão sua razão, mas tudo tem sua conta. Aos que têm a seara em casa, pagar-lhes-ão a semeadura; aos que vão buscar a seara tão longe, hão-lhes de medir a semeadura e hão-lhes de contar os passos. Ah Dia do Juízo! (VIEIRA,1965,p. 85, I).

Segundo Vieira (1965), o orador que se dispõe pregar sobre muitas coisas em um mesmo sermão, se perde em suas palavras e acaba confundindo também o público. Já para Aristóteles (322 a. C), o poder de convencimento retórico consiste na forma como o orador se apresenta discursivamente ao público. Dessa forma, o orador enfatiza um tema e sobre ele discorre.

Para Alexandre (2012, p. 83) “muito conta para a persuasão, sobretudo nas deliberações e, naturalmente, nos processos judiciais, a forma como o orador se apresenta e como dá a entender as suas disposições aos ouvintes”.

Outro ponto importantíssimo no que se refere à argumentação da retórica Vieiriana é a forma singular da pregação, pois o padre Antônio Vieira enfatiza um tema e nele detém a sua pregação. Pode-se ver, no sermão da *Sexagésima*, como Vieira exorta o público formado pela elite eclesiástica católica a manter o foco apenas num tema por pregação.

3.2. Paralelismo, Metáfora e Metonímia no Sermão de Santo Antônio (aos Peixes): Antônio Vieira.

Lá estava o Grande Profeta messiânico a clamar para as pedras e caniços do deserto judaico para onde se dirigia grandes multidões da Judéia e das cidades circunvizinhas impressionadas pela ousadia de João, o Batista, o qual acham todos ser ele o Cristo esperado. Sem glamour, ele se vestia de pele de camelo, cingia também os lombos com um cinto de couro, a sua comida era gafanhotos e mel de abelha. Semelhantemente, Santo Antônio pregava não para pedras e caniços do deserto como o profeta, antes pregava para peixes de todas as espécies que há no mar, visto que, por pouco não foi arrebatado e morto em Armínio, na Itália, enquanto ensinava a doutrina para os homens, que mais se comportavam como feras, ao passo que os animais marinhos se comportavam como seres dotados de raciocínio em devoção à palavra do Evangelho.

A esse Santo Antônio, pode-se chamar de Antônio Vieira, ou de Paiaçu, pois, por sua posição doutrinária frente à causa dos indígenas, e oposição às duras leis inquisitoriais se colocava, aconselhando o Imperador português a abrandar tais leis em relação aos judeus em Portugal, pois estes eram uma fonte de bons investimentos.

Quando ainda no Maranhão, Vieira profere o Sermão de Santo Antônio aos peixes, no dia 13 de junho, dia comemorativo ao Santo, dias depois dos litígios por parte dos colonos brasileiros contra os jesuítas que defendiam a causa dos índios. Três dias depois, Vieira parte às pressas com a comitiva para prestigiar ao novo monarca. Assim, no Brasil, Vieira pregava o Evangelho para as feras, em semelhança ao Apóstolo Paulo, quando em suas missões em Éfeso, sofreu perseguição por parte dos homens daquele lugar, os quais chamou de feras.

Dessa maneira, Antônio Vieira se assemelha ao Santo rejeitado e ao Apóstolo, como também se compara ao Profeta João, o Batista, que pregava arrependimento aos judeus caso contrário se voltaria as pedras para lhes anunciar a Palavra de Deus. No caso de Paulo e de João, o Batista, esses são mortos por pregar a sua fé, já para o Santo sobreveio ameaças, enquanto para o padre jesuíta veio os agentes da Inquisição e a reclusão.

Em semelhança ao Apóstolo Paulo, Vieira é por muitas vezes convocado

para depor aos agentes da Inquisição, sendo obrigado ele mesmo a fazer suas defesas perante seus acusadores, pois o advogado que lhe foi concedido não possuía formação teológica.

A oratória vieiriana é tão aclamada em seu tempo, quanto o seu estilo de escrita é também hoje, no século XXI, pois sobressai ao tempo, passado cerca de quatrocentos anos de sua morte, é tão admirado por sua relação perfeita com as Letras e, conseqüentemente, com o falar, como bem expressou Antônio de Sampaio Nóvoa, dispondo que em língua portuguesa as palavras são Vieira. É justamente por esse perfeccionismo em sua oratória e também em sua escrita, que Fernando Pessoa, em seus grandiosos sonhos de poeta almejava ser “Mallarmé dentro do estilo de Vieira; sonhar como Verlaine no corpo de Horácio; ser Homero ao luar” (PESSOA, 2001, p. 152). Ressalta-se que é esse estilo vieiriano de escrever e de falar que é a causa dos desejos pessoais, estilo esse que revela a trajetória de sua vida a partir de sua escrita canônica.

Paiaçu, o Grande Padre, pai em tupi, como era chamado pelos índios, aos quais defendia, combatendo contra a exploração e escravatura dos nativos.

Nesta qualidade, defendeu infatigavelmente os direitos humanos dos povos indígenas combatendo a sua exploração e escravização. Era por eles chamado de “Paiaçu” (Grande Padre/Pai, em tupi). Na literatura, seus sermões possuem considerável importância no barroco brasileiro e as universidades frequentemente exigem sua leitura (REVISTA DO INSTITUTO HUMANISTA UNISINOS, 2014, p. 4).

No *Sermão de Santo Antônio aos peixes*, Vieira questiona se a não eficiência da pregação do Evangelho decorre dos pregadores ou dos ouvintes. Para o missionário, ou a Palavra não teria efeito, ou os fiéis não queriam observá-la, ou a razão da corrupção está no pregador que não vive o que prega.

Ou é porque o sal não salga, e os pregadores dizem uma coisa e fazem outra; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes querem antes imitar o que eles fazem, que fazer o que dizem. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores se pregam a si e não a Cristo; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes, em vez de servir a Cristo, servem a seus apetites. Não é tudo isto verdade? Ainda mal! (VIEIRA, s/d)

Assim, fica claro que, para Vieira, o pregador deve viver o que fala, ou seja,

observar a Palavra de Deus, de outra forma falha por não dispor de caráter ético moral, algo essencial para converter os fiéis. De forma, que para alcançar o objetivo da pregação o caráter do orador dá tanto testemunho quanto a palavra propriamente discursada.

De modo que, se o orador não dispõe de boa conduta moral não terá credibilidade para com o público, com isso não terá autoridade ética para exortar os ouvintes, pois a falta de *exemplum* de vida poderia tirar a força do discurso sendo o dizer e viver contraditório, podendo confundir a plateia ou ser refutado. "Para o pregador português o *ethos* ideal do verdadeiro pregador consistiria em ações, em obras" (ALVES, 2008, p. 62).

Por essa razão em seu célebre sermão diz o orador: "Quero começar pregando-me a mim. A mim será, e também a vós: a mim para aprender a pregar: a vós para que aprendais a ouvir" (VIEIRA, 2003, p. 33. apud ALVES, 2008, p. 71).

CONCLUSÃO: AS FIGURAS DE RETÓRICA COMO ESTRATÉGIAS DA ARGUMENTAÇÃO VIEIRIANA

A partir das apreciações das figuras de retórica nos sermões de Padre Antônio Vieira "Sexagésima" e "Santo Antônio aos Peixes", torna-se significativo expressar quão relevantes são as figuras de retórica utilizadas como estratégias da argumentação vieiriana, pois elas cooperam com o jogo de palavras, instigando a atenção do auditório para as nuances intrínsecas na construção de cada sermão.

O paralelismo, a metáfora e a metonímia foram às figuras de retórica elegidas para análise nos sermões de apreciação, e revelam as várias formas de reforçar um argumento retórico, possibilitando a ênfase das ideias com e sem a repetição, fazer a retomada e a reiteração dos argumentos discursivos sem perder a atenção do ouvinte e atingindo as expectativas de levá-lo a reflexão. São recursos, então, que promovem mais facilmente a aquisição dos ensinamentos propostos pelo autor, que, por meio dessa repetição e do caráter harmônico dos termos relacionados, Vieira conseguia promover o convencimento e a consequente aceitação dos indivíduos acerca das ideias que estava propagando.

Logo, tendo sido um genuíno observador da Palavra de Deus, Antônio Vieira segue à risca os ensinamentos de Cristo, os quais exigem do fiel a prática e não somente a observância em termo de estudá-los ou apenas de conhecê-los, pois no dizer de Cristo, observar significa praticar.

Para tanto, se usa das figuras de retórica com muita maestria para construir e pregar seus sermões, na perspectiva de atingir o alvo, que nada mais é do que a alma dos ouvintes, através do discurso persuasivo e muito bem explanado.

É importante destacar que, nos discursos produzidos pelo sermoneiro, há uma quantidade muito expressiva de recursos retóricos, e cada um contribui de forma admirável na constituição de sentidos dentro dos sermões.

Assim, é perceptível que Vieira produziu seus sermões sendo contundente com o que acreditava, que para Cristo observar é viver a doutrina antes de ensinar aos outros. De maneira que os ensinamentos de Cristo são em muitos aspectos dotados de exemplaridade, como o *exemplum* do *éthos* presente na Retórica Antiga, na qual o orador utilizava sua boa conduta para conquistar a confiança do povo para quem se dirigia. O *éthos* é, pois, um dos três pilares da retórica, consiste na ética moral do indivíduo, na forma não apenas de falar, mas também

principalmente no viver cotidiano.

Nessa perspectiva de utilizar o exemplo de vida cotidiana para que o falar seja coerente com a prática, nota-se também a riqueza de outros exemplos explorados nos sermões utilizando as figuras de retóricas para torná-los mais expressivos nos sermões. Nessa perspectiva, foi exposto o paralelismo, possibilitando maior visibilidade ao discurso, bem como a metáfora e a metonímia, reforçando alusões ao que está sendo pregado, de modo a permitir que o discurso seja acessível com exposições próximas à realidade do auditório.

Nesse sentido, o grande poder da oratória vieiriana para conquistar tal feito reside na profundidade de seu manuseio do *lógos*, ou seja, do raciocínio lógico, forma como ele organizava o pensamento e traduzia em forma de palavras em seus discursos. Através da razão, Antônio Vieira analisava não apenas o contexto social do lugar onde estava pregando, mas o histórico político-cultural que circundava os fiéis, a todos esses aspetos aliava ao *páthos* como era costume dos oradores da época.

Diante do exposto, espera-se que esse trabalho, por trazer à tona algumas particularidades das figuras de retórica nos sermões de Vieira, possa, de alguma forma, contribuir para as pesquisas que tratam sobre figuras de retórica, Padre Antônio Vieira e seus sermões, como também contribuir para os estudos que tratam sobre técnicas discursivas na aplicação das palavras que compõem a invenção vieiriana tratada na presente pesquisa.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE JUNIOR, Manuel. Introdução. **Aristóteles: Obras completas**. In: MESQUITA, Antonio Pedro (Coord.). São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012, p. 83-124.

ALVES, Murilo Cavalcante. **Retórica do sermão da sexagésima**: a hermenêutica bíblica como fundamento da argumentação e do estilo. 2008. 91 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguísticas, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2008. Disponível em: http://www.repositorio.ufal.br/bitstream/riufal/457/1/Dissertacao_MuriloCavalcanteAlves_2008.pdf. Acesso em: 25 nov. 2020.

ALVES, Murilo Cavalcante. **A Arca de Antonio Vieira**: entre o sagrado e o profano. 2015. 331 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguísticas, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2015. Disponível em: <http://www.repositorio.ufal.br/bitstream/riufal/2227/1/A%20arca%20de%20Antonio%20Vieira-%20entre%20o%20sagrado%20e%20o%20profano.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2020.

AMARAL, Vinicius Correia. **Inquisição no Brasil colonial**: o papel dos familiares junto aos tribunais dos ofícios. Goiás: s/d.

AMOSSY, Ruth. **Da noção retórica de ethos à análise do discurso**. Disponível em: https://www.ufmg.br/online/arquivos/anexos/Livro_trecho.pdf. Acesso em: 25 nov. 2020.

BARTHES, Roland. **Crítica e verdade**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1982.

BERNINI, Gian Lorenzo. O barroco. In: PROENÇA FILHO, Domingo. **Estilos de época na literatura**: através de textos assentados 5. ed. rev. e aum. São Paulo: Ática, 1978.

CARLÔTO, Adelena Leitão Silva. Uma pesquisa bibliográfica sobre figuras de linguagem no Sermão da Sexagésima, do padre Antônio Vieira. **Revista Educação Pública**, v. 20, nº 36, 22 de setembro de 2020, p. 1-6. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/36/uma-pesquisa-bibliografica-sobre-figuras-de-linguagem-no-sermao-da-sexagesimai-do-padre-antonio-vieira>. Acesso em: 02 fev. 2022.

FERNANDES, Márcia. **Dica de Redação**: Uso do Paralelismo. 2022. Artigo. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/dica-de-redacao-uso-do-parallelismo/>. Acesso em: 02 fev. 2022.

GENETTE, Gérard. **Figuras**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

GUIMARÃES, Fernando Guilherme de Oliveira. **Das causas do processo**

inquisitorial contra o Padre Antônio Vieira: direito e profecia no séc. xvii. 2016. 100 f. Tese (Doutorado) - Curso de Direito, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

HADDAD, Jamil Almansur. Introdução a Vieira: os elementos barroco e clássico na composição dos sermões. In: VIEIRA, Antônio. **Os sermões**. São Paulo: Melhoramentos, 1963. p. 9 – 70.

ALEXANDRE JUNIOR, Manuel. Introdução. **Aristóteles:** Obras completas. In: MESQUITA, Antonio Pedro (Coord.). São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012, p. 83-124.

LOPES, Marcos Antônio. Lógica e alegoria: argumentação e ação nos sermões de Vieira. **Sintese:** revista de filosofia, Belo Horizonte, v. 35, n. 112, p. 157-165, 2008.

MARIANO, Márcia Regina Curado Pereira. **As figuras de argumentação como estratégias discursivas:** um estudo em avaliações no ensino superior. 2007. 100 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

MESQUITA, Antonio Pedro (Coord.). **Aristóteles:** Obras completas. São Paulo: WMF MartinsFontes, 2012.

MELO, Sangia de. **Argumentação e persuasão:** o sermão da sexagésima do padre Antônio Vieira. 2005. 138 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Literatura, Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2005. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/14823/1/Dissertacao%20Sangia.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2022.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária:** poesia. 10. ed. rev. São Paulo: Cultrix, 1987.

MOURA, Milton. O império em Antônio Vieira: entre o glorioso e o prosaico, o pragmático. **Revista Mosaico**, Goiânia, v. 7, n. 1, p. 7-21, jan./jun. 2014. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/viewFile/3976/2291>. Acesso em: 05 jun. 2021.

OTANI, Nilo; FIALHO, Francisco Antônio Pereira. **TCC:** métodos e técnicas. 2. ed. rev. atual. Florianópolis: Visual Books, 2011.

PERES, Rafael. Padre Antônio Vieira e o sermão da sexagésima: o pregador e sua retórica dialética. **Revista dEsenredos**, Teresina, v. 6, n. 21, p. 1-14, 2014

PESSOA, Fernando. **Livro do desassossego**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

ROSÁRIO, Renato. A formulação do éthos na retórica antiga. **Rónai**, Juiz de Fora, v. 1, n. 1, p. 60-72, 2013. SILVA, Ana Alexandra; MARÇALO, Maria João. **Antônio Vieira e John C. Branner:** a morfologia revisitada. Gramáticas antigas de português língua estrangeira. 2013. Universidade de Évora. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/62459286.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2020.

SILVA, Deonísio.: "Entrevista" Antônio Vieira: uma conversa sobre o sermão do bom ladrão. **Revista do Instituto humanista uníssimos**. São Leopoldo, n.244, 2007. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/1492-deonisio-da-silva>. Acesso em: 11 fev. 2020.

SILVA, Esdras Soares da. **Os paralelismos e sua relevância enquanto recurso persuasivo no Sermão de Sto. Antônio de Pe. Antônio Vieira**. 2009. 26 f. TCC (Graduação) - Curso de Letras, Coordenação de Letras, Universidade de Pernambuco, Nazaré da Mata, 2009. Disponível em: <https://www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online-132167/os-paralelismos-e-sua-relevancia-enquanto-recurso-persuasivo-no-sermao-de-sto-antonio-de-pe-antonio-vieira>. Acesso em: 02 fev. 2022.

SILVA, João Paulo da. **Antonio Vieira e seu duplo**: análise da exemplaridade nos sermões de Santo Antonio. 2011. 82 f. Tese (Pós-graduação em Letras e Linguística) - Curso de pós-graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió.

SILVA, Vinícius Pimenta; SILVEIRA, Marcelo. Retórica e Antônio Vieira: novos olhares. **Eid&a**, Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação, Ilhéus, v. 7, p. 234-245, dez. 2014.

Antônio Vieira imperador da língua portuguesa **Revista do Instituto humanista uníssimos**, São Leopoldo, v. 244, p. 1-72, 2007. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao244.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2020.

VIEIRA, Antônio. **Sermão de Santo Antônio aos peixes**. Disponível em: <http://www.biblio.com.br/defaultz.asp?link=http://www.biblio.com.br/conteudo/padreantoniovieira/stoantonio.htm>. Acesso em: 05 out. 2020.

VIEIRA, Antônio. **Sermões escolhidos**. v.2, São Paulo: Edameris, 1965.